

THOMAS BERNHARD

# Meus prêmios

*Tradução*  
Sergio Tellaroli



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright do texto © 2009 by Suhrkamp Verlag Frankfurt am Main

*This translation was supported by the Austrian Federal Ministry for Education, Arts and Culture.*

Esta tradução foi apoiada pelo Ministério Federal Austríaco para Educação, Arte e Cultura.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Meine Preise

*Capa*

Victor Burton

*Imagem de capa*

Andrej Reiser/ Suhrkamp Verlag

*Imagens das pp. 104, 106, 107 e 108*

© Suhrkamp Verlag Frankfurt am Main

*Preparação*

Márcia Copola

*Revisão*

Isabel Jorge Cury

Renata Del Nero

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Bernhard, Thomas

Meus prêmios / Thomas Bernhard ; tradução Sergio  
Tellaroli. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Título original: Meine Preise.

ISBN 978-85-359-1939-4

1. Bernhard, Thomas 2. Escritores austríacos - Século 20 -  
Autobiografia 3. Prêmios literários I. Título.

---

11-07933

CDD-838.91409

Índice para catálogo sistemático:

1. Escritores austríacos : Memórias autobiográficas

838.91409

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

# Sumário

## MEUS PRÊMIOS

O Prêmio Grillparzer, 9

A dotação do Círculo Cultural da Confederação Alemã da Indústria, 18

O Prêmio Literário da Cidade Livre e Hanseática de Bremen, 27

O Prêmio Julius Campe, 40

O Prêmio Nacional Austríaco de Literatura, 52

O Prêmio Anton Wildgans, 66

O Prêmio Franz Theodor Csokor, 71

O Prêmio Literário da Câmara Austríaca do Comércio e da Indústria, 77

O Prêmio Büchner, 82

## DISCURSOS

Discurso por ocasião da outorga do Prêmio Literário da Cidade Livre e Hanseática de Bremen, 89

Discurso por ocasião da outorga do Prêmio Nacional Austríaco, 92

Discurso por ocasião da outorga do Prêmio Georg Büchner, 94

Sobre meu desligamento, 97

*Sobre esta edição*, 101

# O Prêmio Grillparzer

Para a outorga do Prêmio Grillparzer da Academia de Ciências, em Viena, precisei comprar um terno, porque, duas horas antes da solenidade, compreendi de repente que não podia comparecer àquela cerimônia sem dúvida extraordinária trajando calça e suéter, de modo que, com efeito, no chamado Graben, tomei a decisão de ir ao Kohlmarkt, a fim de me paramentar adequadamente e, munido de tal propósito, dirigi-me à loja de confecções masculinas que ostentava o sugestivo nome de Sir Anthony, a qual, por ter diversas vezes efetuado ali minhas compras de meias, eu conhecia tão bem e cujo salão adentrei às nove e quarenta e cinco, sendo que a outorga do Prêmio Grillparzer estava marcada para as onze, ou seja, eu tinha muito tempo. Embora pretendesse comprar um terno pronto, queria o melhor, lá pura na cor grafite, além de meias combinando, uma gravata e uma camisa da marca Arrow, muito fina, com listras em cinza e azul. Todos sabem como é difícil se fazer entender de imediato nessas lojas mais finas, onde, ainda que o cliente diga logo o que deseja, e da maneira mais precisa, ele é de início encarado com

incredulidade, até que repita seu pedido. Mas é claro que, mesmo depois disso, o vendedor com quem falei não me compreendeu. Assim sendo, também quando dessa minha visita à Sir Anthony, demorou mais que o necessário para que eu fosse conduzido ao setor em questão. Na verdade, graças a minhas compras de meias, eu conhecia bem a loja e sabia melhor que o vendedor onde encontrar o terno que procurava. Dirigi-me à seção que continha os referidos ternos e apontei para um exemplar bastante específico, que o vendedor retirou do cabide para me mostrar. Examinei a qualidade do tecido e fui logo experimentar o terno no provador. Curvei-me para a frente e para trás algumas vezes, e concluí que a calça me servia. Vesti o paletó, girei outras tantas vezes diante do espelho, ergui os braços, baixei-os: assim como a calça, o paletó me servia. Vestindo ainda o terno, caminhei alguns passos pela loja e aproveitei a oportunidade para escolher a camisa e as meias. Por fim, anunciei que levaria o terno, no corpo mesmo, e que queria vestir também a camisa e as meias. Escolhi uma gravata, passei-a em torno do pescoço, apertei-a o mais que pude, tornei a me avaliar no espelho, paguei e fui embora. A calça velha e o suéter foram embalados numa sacola com a inscrição *Sir Anthony*, e, com a sacola na mão, atravessei o Kohlmarkt com o propósito de ir ter com minha tia, com quem havia combinado encontrar-me no restaurante Gerstner, na Kärntnerstrasse, primeiro andar. No Gerstner, pretendíamos ainda comer um ou dois sanduíches pouco antes da solenidade, com o intuito de prevenir qualquer náusea ou mesmo um desmaio no decorrer do procedimento. Minha tia, que já estava lá, classificou de aceitável minha metamorfose, emitindo seu famoso *pois bem*. Eu próprio, até essa data, passara anos sem usar terno, apresentando-me até então sempre de calça e suéter; mesmo ao teatro, quando ia, ia apenas de calça e suéter, de preferência uma calça cinza de lã e um suéter vermelho-vivo de pele de ovelha, tricota-

do com pontos grossos, que um americano bem-humorado me dera de presente logo depois da guerra. Nesses trajes, lembro-me bem, viajei algumas vezes para Veneza e, numa dessas ocasiões, fui ao célebre Teatro La Fenice, a uma encenação do *Tancredi* de Monteverdi dirigida por Vittorio Gui, mas estive também com a mesma calça e o mesmo suéter em Roma, Palermo, Taormina, Florença e em quase todas as capitais europeias, à parte o fato de que aquelas eram as peças de roupa que eu quase sempre usava em casa, e, quanto mais gastos a calça e o suéter, mais eu gostava de vesti-los; durante anos a fio as pessoas me conheceram naquela calça e naquele suéter, e ainda hoje os amigos antigos me perguntam pela calça e pelo suéter, os mesmos que uso há mais de 25 anos. De repente, no Graben, como disse, e duas horas antes da outorga do Prêmio Grillparzer, senti de súbito que aquelas peças de roupa, que ao longo de décadas haviam se transformado numa espécie de extensão do meu corpo, não eram apropriadas a uma homenagem vinculada ao nome de Grillparzer, a ser realizada na Academia de Ciências. Ao sentar-me no Gerstner, tive a sensação repentina de que a calça estava muito apertada, mas, pensei comigo, é sempre assim quando a calça é nova, também o paletó me parecia agora apertado demais, o que, tornei a pensar, era normal. Pedi um sanduíche e, para acompanhar, um copo de cerveja. Minha tia perguntou-me quem, antes de mim, já havia recebido o tal Prêmio Grillparzer, e, de pronto, ocorreu-me apenas o nome de Gerhart Hauptmann, informação que eu lera certa vez, quando, aliás, ficara sabendo da própria existência do Prêmio Grillparzer. O prêmio não é concedido regularmente, e sim *conforme o caso*, expliquei, pensando comigo que o intervalo entre as premiações costumava ser de seis ou sete anos, ou talvez de apenas cinco, não sabia bem, não sei até hoje. Naturalmente, também aquela premiação me deixou nervoso, motivo pelo qual tentei distrair a mim e a minha tia do fato de que faltava apenas

meia hora para o início da cerimônia e relatei a ela a monstruosidade, minha decisão, tomada em pleno Graben, de comprar um terno novo para a ocasião e a naturalidade com que me dirigira à loja do Kohlmarkt onde possível adquirir ternos ingleses das firmas Chester Barry e Burberry. Já que ia comprar um terno pronto, voltei a pensar, por que não comprar logo um terno de primeira? E assim eu vestia agora um terno da firma Barry. Minha tia tocou o tecido e ficou satisfeita com a qualidade inglesa. Tornou a dizer seu famoso *pois bem*. Sobre o corte, não disse nada. Era clássico. Ela estava muito feliz pelo fato de a Academia de Ciências outorgar-me naquele dia seu Prêmio Grillparzer, disse, e orgulhosa também, mas sentia-se mais feliz que orgulhosa, completou, levantando-se, ao que eu a segui restaurante afora, descendo a Kärntnerstrasse. Uns poucos passos nos separavam da Academia de Ciências. A sacola com a inscrição *Sir Anthony* repugnava-me profundamente, mas eu não podia fazer nada. Vou me desfazer dela antes de entrar na Academia de Ciências, disse a mim mesmo. Para lá se dirigiam também uns poucos amigos, que não queriam perder a homenagem, e nós os encontramos no saguão de entrada da Academia. Muitas pessoas se achavam reunidas ali, e parecia que o salão nobre já estava lotado. Os amigos seguiram seu caminho, e olhamos em volta, à procura de alguma personalidade encarregada de nos receber. Circulei algumas vezes com minha tia, mas ninguém nos deu a menor atenção. Bom, vamos entrar, eu disse, pensando comigo que, no interior do salão, alguma personalidade haveria de nos receber e encaminhar, a mim e a minha tia, a nossos lugares. Tudo no saguão sugeria uma grandiosa solenidade, e, de fato, eu tinha a sensação de que meus joelhos tremiam. Tanto quanto eu, minha tia procurava com os olhos por alguma personalidade encarregada de nos receber. Em vão. Assim sendo, postamo-nos simplesmente à porta de entrada do salão nobre e ficamos à espera. As pessoas, porém, es-



premiavam-se para passar por nós e, com frequência, nos abalroavam, forçando-nos a perceber que havíamos escolhido o local menos propício para nossa espera. Pensamos: mas, afinal, ninguém virá nos receber? Entreolhamo-nos. O salão já estava quase totalmente tomado, e, aliás, com o propósito único de me outorgar o Prêmio Grillparzer da Academia de Ciências, pensei comigo. E ninguém aparece para receber a mim e a minha tia. Em seus 81 anos, ela estava maravilhosa, uma mulher elegante, inteligente e, naquele momento, mais corajosa que nunca, pareceu-me. No palco, lá na frente, alguns músicos da filarmônica já haviam ocupado seus postos, e tudo sugeria que a cerimônia estava para começar. Nossa presença, no entanto, que deveria constituir o centro daquilo tudo, ou assim pensávamos, ninguém havia notado. Foi então que, de súbito, tive uma ideia: Nós entramos, eu disse a minha tia, sentamo-nos ali no meio do salão, onde ainda há lugares vagos, e esperamos. Entramos, pois, no salão, e escolhemos dois lugares vagos a meio caminho do palco, fazendo com que muitas pessoas precisassem se levantar e reclamassem conosco, conforme nos espremiávamos para passar por elas. E lá estávamos nós, sentados na décima ou décima primeira fila, à espera, bem no meio do salão nobre da Academia de Ciências. Todos os chamados convidados de honra já haviam se acomodado. Mas a solenidade, é claro, não começava. E só eu e minha tia sabíamos por quê. No palco, lá na frente, cavalheiros agitados corriam de um lado para outro a intervalos cada vez menores, como se procurassem alguma coisa. E, de fato, procuravam, isto é, procuravam por mim. Aquele vaivém dos cavalheiros no palco durou algum tempo, ao longo do qual uma inquietação se esparramou pela sala. Enquanto isso, até a ministra das Ciências já chegara e se acomodara na primeira fila. Ela fora recebida e conduzida a seu assento pelo presidente da Academia, que se chama-

va Hunger.\* Outra fileira de assim chamados dignitários, gente que eu desconhecia, também tinha sido recepcionada e levada àquela primeira ou à segunda fila. De repente, vi um senhor no palco sussurrar alguma coisa ao ouvido de outro senhor, ao mesmo tempo que, com o braço esticado, apontava para a décima ou décima primeira fila, e só eu sabia que ele apontava para mim. Passou-se, então, o seguinte. O senhor que sussurrara alguma coisa ao ouvido do outro senhor e apontara para mim atravessou o salão, veio precisamente até minha fileira e, uma vez nela, abriu caminho até mim. Ora, disse ele, por que o senhor, que é o protagonista desta homenagem, sentou aqui, e não lá na frente, na primeira fila, onde nós — e “nós” foi de fato o pronome que ele utilizou — reservamos dois lugares, um para o senhor, outro para sua acompanhante? Por que isso?, tornou a perguntar, e foi como se todos os olhares no salão houvessem se voltado para mim e para aquele senhor. O presidente, disse ele, solicita que o senhor venha para a frente; por favor, venha para a frente, senhor Bernhard, seu lugar é ao lado da senhora ministra. Pois não, respondi-lhe, se é tão simples assim, eu vou, mas, claro, só vou para a primeira fila depois de convidado *pessoalmente* pelo presidente Hunger; é evidente, só depois que o presidente Hunger *em pessoa* me convidar a fazê-lo. Minha tia assistia em silêncio àquela cena, todos os convidados olhavam para nós, e o senhor tornou a abrir caminho pela fila, foi em direção ao palco e, lá na frente, sussurrou alguma coisa ao ouvido do presidente Hunger, ao lado da senhora ministra. A seguir, eclodiu grande alvoroço, o qual só não se transformou em coisa bem pior graças aos músicos da filarmônica, que beliscavam as cordas de seus instrumentos, e vi o presidente Hunger vindo em minha direção. Agora, pensei comigo,

\* Em alemão, o substantivo *Hunger* significa “fome”. (N. T.)

seja firme, mantenha-se inflexível, corajoso, coerente. Não se mostre acolhedor, assim como acolhedores, no verdadeiro sentido da palavra, tampouco eles se mostraram. Quando chegou a mim, o presidente Hunger disse que lamentava; o que, exatamente, ele lamentava, não me disse. Pediu-me então que, por favor, eu fosse com minha tia para a primeira fila, uma vez que meu lugar e o de minha tia eram aqueles entre o da senhora ministra e o dele próprio. Seguimos, pois, minha tia e eu, o presidente Hunger até a primeira fila. Então, depois de havermos nos sentado e de um murmúrio indefinido percorrer todo o salão nobre, a cerimônia pôde enfim começar. Creio que a filarmônica tocou uma peça de Mozart. Depois, seguiram-se alguns discursos sobre Grillparzer, uns mais extensos, outros menos. Em dado momento, ao olhar para ela, vi que a senhora ministra Firnberg — era esse o seu nome — adormecera, fato que também não escapara ao presidente Hunger, uma vez que a ministra roncava, baixinho mas roncava, roncava o suave ronco ministerial, famoso no mundo todo. Minha tia acompanhava a chamada solenidade com grande atenção, vez por outra olhava para mim, assentindo, quando uma formulação em algum discurso soava demasiado parva ou apenas demasiado cômica. Tínhamos, nós dois, nossa experiência inesquecível. Por fim, depois de cerca de uma hora e meia, o presidente Hunger se levantou, subiu ao palco e anunciou a outorga do Prêmio Grillparzer, concedido a mim. Leu algumas palavras de louvor a meu trabalho, não sem mencionar duas ou três peças de teatro supostamente de minha autoria, as quais, no entanto, eu jamais escrevera, e enumerou uma série de celebridades europeias agraciadas com o Prêmio Grillparzer antes de mim. O sr. Bernhard recebia o prêmio por sua peça *Ein Fest für Boris* [Uma festa para Boris] (a mesma peça que, um ano antes, havia sido pessimamente encenada pelo Burgtheater no teatro da Academia), disse Hunger, que em segui-

da abriu os braços, como se pretendesse me abraçar. Era o sinal para que eu subisse ao palco. Levantei-me e caminhei até o presidente. Ele apertou minha mão e me entregou o chamado diploma, de um mau gosto insuperável, comum, aliás, a todas as outras premiações que recebi na vida. Eu não tinha a intenção de dizer nada ali no palco, e nada me foi exigido. Assim, para sufocar meu embaraço, murmurei apenas um breve *Obrigado!*, desci rumo à plateia e tornei a sentar. Em seguida, também o sr. Hunger se acomodou, e os músicos da filarmônica executaram uma peça de Beethoven. Enquanto tocavam, pus-me a refletir sobre toda aquela recém-concluída solenidade, de uma singularidade, de um mau gosto e de uma desconsideração de que, naturalmente, eu ainda nem tomara consciência. Mal os músicos terminaram de tocar, a ministra Firnberg e, de pronto, também o presidente Hunger rumaram de volta para o palco. Agora, estavam todos de pé no salão, comprimindo-se em direção ao palco e, é claro, também da ministra e do presidente Hunger, que conversava com ela. Desconcertado e sem saber o que fazer, eu me postara com minha tia logo ali ao lado, e ouvíamos o falatório cada vez mais agitado das cerca de mil pessoas presentes. Passado algum tempo, a ministra olhou em torno e, numa voz de inimitáveis arrogância e estupidez, perguntou: *Mas cadê o escritorzinho?* Eu estava bem ao lado dela, mas não ousei me identificar. Puxei minha tia e saímos dali. Sem que ninguém nos impedisse ou mesmo nos dispensasse a menor atenção, deixamos a Academia de Ciências por volta da uma da tarde. Lá fora, amigos nos aguardavam. Com eles, fomos comer na chamada Gösser Bierklinik. Um filósofo, um arquiteto, as respectivas esposas e meu irmão. Só gente divertida. Já não lembro o que foi que comemos. Quando, durante o almoço, me perguntaram de quanto era o prêmio, dei-me conta efetivamente de que a premiação não envolvia nenhuma soma em dinheiro. Foi somente então que passei a sentir de fato minha

humilhação como um ato do mais desavergonhado descaramento. Afinal, o Prêmio Grillparzer da Academia de Ciências era uma das maiores honrarias que um austríaco podia receber, disse alguém à mesa, creio que o arquiteto. Uma monstruosidade, comentou o filósofo. Meu irmão, como sempre acontecia nessas ocasiões, permaneceu em silêncio. Depois do almoço, tomado pela súbita sensação de que o terno recém-adquirido era apertado demais, não pensei muito: fui até a loja do Kohlmarkt, ou seja, à Sir Anthony, e declarei, num tom enérgico mas não desprovido da máxima gentileza, que desejava trocá-lo, que o terno que, como era sabido, eu havia acabado de comprar era no mínimo um número abaixo do meu. Foi minha determinação que fez com que o vendedor abordado se encaminhasse imediatamente à seção da qual saíra meu terno. Sem nenhuma contestação, ele permitiu que eu me enfiasse em outro terno de modelo idêntico, só que um número maior, e de pronto tive a sensação de que aquele, sim, me servia. Como pudera, poucas horas antes, acreditar que o de número menor me servira? Levei as mãos à cabeça. Agora, sim, trajava o terno de número efetivamente adequado e, sentindo grande alívio, fui embora. Quem comprar o terno que acabo de devolver jamais saberá que ele já me acompanhou à outorga do Prêmio Grillparzer da Academia de Ciências de Viena, pensei comigo. Era um pensamento absurdo. E foi esse pensamento absurdo que me fez recobrar o ânimo. Passei uma tarde prazerosa com minha tia, com quem volta e meia ria do fato de que, na Sir Anthony, haviam trocado meu terno sem demora, embora eu já o tivesse usado quando da outorga do Prêmio Grillparzer da Academia de Ciências. Que o pessoal da Sir Anthony do Kohlmarkt tenha sido tão solícito é coisa que jamais vou esquecer.